

VITORIANO BRAGA TEATRO COMPLETO

Com peças inéditas

introdução, pesquisa e fixação de textos de DUARTE IVO CRUZ

BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



VITORIANO BRAGA

TEATRO COMPLETO

DE VITORIANO BRAGA

Com peças inéditas

introdução, pesquisa e fixação de textos de DUARTE IVO CRUZ

Enquadramento Histórico do Teatro de Vitoriano Braga

O realismo surge no teatro português, como se sabe, em 1843 com Os Velhos de D. João de Câmara: sinais anteriores de maior importância, rigor e amplitude de discurso, ficam aquém da capacidade de elaboração de peças de D. João de Câmara e de qualidade, aliás excepcional, de futuro literatura e dramaturgia.

Vitoriano Braga não selet de experiência feita no exercício da profissão, mas de uma formação complexa e esta peça primeira e primordial do realismo português. A parva das características que, praticamente até hoje, possuem mais de 100 anos, continuam a marcar o realismo do teatro português: sentido social, luta, consciência dos conflitos, solidariedade interclassista, noção de progresso, desenvolvimento, empurramento, mesmo quando meramente implícito ou dimidiado, e docência, numa sentença de descomprometimento global da sociedade portuguesa.

Esta realidade constitui o núcleo do teatro português contemporâneo, observando-se uma mudança de rumo, de direção, de ambiente e de circunstâncias de estilo, de ritmo e de conteúdo. O teatro português do século XX está longe de se limitar a uma única realidade, ou, se quisermos, realidade naturalista. Logo a lição poética, com o seu acentuar na realidade da linguagem, os recursos modernistas e, a partir dos anos 60, a influência do teatro épico de Brecht, do absurdo, do teatro de vanguarda, do teatro de vanguarda, que se tem, contudo, qualquer influência e substância de uma sólida tradição realista. Mas, a influência sobretudo do simbolismo francês, bem se vê na obra dramática de Braga, ou de influência sub-repente.

O dramaturgo Vitoriano Braga é o longo de uma dramaturgia breve e ainda por fazer, com uma peça perdida, reflectida e quase condicionalmente de leitura, embora a permanência das peças, com alguma clara influência do simbolismo.

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

A BI

Comedia em três actos, em verso
por Victoriano Braga e João de Vasconcelos e Sá

(1906)

Esta comedia pretende ser uma estuda ou, antes, uma sátira ligeira e irónica.

Os seus autores, depois de traçado o esboço principal, tiveram a constante preocupação da realidade, e nos episódios cénicos quer na contextura dos actos, quer nas descrições dos caracteres e no tratamento dos pormenores da acção e da linguagem em geral, mas foram rigorosamente copiadas da linguagem corrente e a sua feição especial caracteriza o meio onde elas são pronunciadas.

Cumpre nos estas poucas linhas fazer uma declaração formal e terminante: não há em todo este trabalho passageiro alguma inspiada por qualquer personagem da vida real.

Este livro sem nenhuma referência pessoal quer simplesmente descrever o conjunto dando uma impressão rápida da maneira de ser de uma determinada classe da nossa sociedade.

Assim a tenete observação, assim tentámos representá-la fielmente e se tal tentativa foi malograda por uma razão de incompetência, não nos faltou observação, nem desejo de acertar.

Os autores

A BI

Comédia em três actos, em prosa
por Victoriano Braga e João de Vasconcellos e Sá

[1908]

Esta comédia pretende ser um estudo ou, antes, uma crítica ligeira e inofensiva.

Os seus autores, depois de traçado o enredo principal, tiveram a constante preocupação da realidade quer nos episódios cénicos quer na contextura das frases; muitas delas desobedecem por completo aos preceitos da sintaxe e da gramática em geral; mas foram rigorosamente copiadas da linguagem corrente e a sua feição especial caracteriza o meio onde elas são pronunciadas.

Cumpre-nos nestas poucas linhas fazer uma declaração formal e terminante: não há em todo este trabalho passagem alguma inspirada por qualquer personagem da vida real.

Este livro sem nenhuma referência pessoais tenta simplesmente descrever o «conjunto» dando uma impressão rápida da *maneira de ser* de uma determinada classe da nossa sociedade.

Assim a temos observado, assim tentámos representá-la fielmente; e, se tal tentativa foi malograda por uma razão de incompetência, não nos faltou observação nem desejos de acertar.

Os autores.

PERSONAGENS

MARQUESA, pessoa de idade
MARQUÊS, *idem*
MARIA, filha dos Marqueses
BEATRIZ (Bi), *idem*
D. ANTÓNIO, sobrinho dos Marqueses; rapaz da sociedade
D. PEDRO, *idem*
D. CATARINA, senhora da província; idade da Marquesa
CARLOTA, filha de D. Catarina
RODRIGO, filho de D. Catarina
MISS LAU (a), perceptora inglesa de Maria e de Beatriz
JOSEFA, criada dos Marqueses
JOAQUIM, criado dos Marqueses
UM SALOIO, homem de meia idade

A acção passa-se em Lisboa. Actualidade.

PRIMEIRO ACTO

Sitting-room mobilado à antiga em casa dos Marqueses. Sofás, poltronas, etc. Uma mesa maior tendo ao centro um candeeiro alto aceso.

Uma jarra cheia de violetas em cima de uma das mesas pequenas.

Nas paredes, retratos a óleo de personagens antigas. Todo o mobiliário é velho e está mais ou menos deteriorado.

Quando sobre o pano, o Marquês e a Marquesa estão sentados. Há um momento de silêncio. O Marquês levanta-se e passeia nervosamente pela casa apertando um charuto entre os dentes.

A Marquesa tem um gesto de enfado e dispõe-se a continuar uma discussão. É noite.

CENA I

MARQUÊS E MARQUESA

MARQUESA — Não te impacientes! Nada está feito ainda e nada se fará naturalmente. Não falamos mais nisso...

MARQUÊS — Pois não falemos.

MARQUESA — Maria há-de casar-se com um fidalgo da tua escolha...

(a) Pronuncie-se Lô.

- MARQUÊS (*atalhando*) — Tanto melhor para ela.
- MARQUESA (*prosseguindo*) — Com pouco dinheiro, decerto, porque o dinheiro para ti é uma questão secundária...
- MARQUÊS — Não é secundária! Mas também não é uma questão principal.
- MARQUESA — Pois terás um genro nobre. Sem meios para sustentar a sua nobreza, mas nobre!... (*Gesto do Marquês.*) Poderias ter esses caprichos se a nossa casa ainda fosse a casa que teu pai te deixou! Foi, como sempre, a mania das grandezas que te perdeu. Eram festas sobre festas, caçadas, jantares, a casa cheia de amigos... amigos do teu dinheiro...
- MARQUÊS (*repreensivo*) — Ó Maria Teresa! Todos eles são meus amigos ainda hoje!
- MARQUESA — Não te lembrava, então, que as nossas filhas haviam de crescer; e que tu, desejando casá-las sem desdouro para a nossa linhagem, tinhas obrigação de conservar a tua fortuna. Conservando-a, seria fácil um casamento como tu queres, porque fidalgos há muitos... aí! Lisboa está cheia de fidalgos pobres.
- MARQUÊS (*parando em frente da Marquesa*) — Acabaste? Eu esperava precisamente que viesses mais uma vez recordar-me dos nossos jantares e das minhas caçadas. Qualquer discussão entre nós, por mais ligeira que seja, é sempre obrigada a esse prato. Ainda te faltou uma coisa: aquela eterna passagem em que tu me comparas a meu irmão...
- MARQUESA — O teu irmão está hoje riquíssimo e herdou o mesmo do que tu. O que nele tem sido economia e bom governo, foi em ti improvidência e esbanjamento.
- MARQUÊS — Mas, quando fazes esse terrível confronto, nunca te lembras que foi ele a única, a verdadeira causa da minha ruína. Sim! Terminada a acção judicial que ele moveu contra nós, Maria Teresa, e, pagas as despesas de uma demanda perdida, quanto nos ficou?
- MARQUESA — O suficiente para sustentarmos a nossa casa; e com uma boa administração nunca teríamos chegado a estes apuros.
- JOAQUIM (*entrando pelo fundo*) — Senhora Marquesa, o *landeou* chegou agora mesmo. (*Cumprimenta e sai.*)
- MARQUESA (*continuando depois do criado sair*) — Imaginas que eu não teria gosto em ver a nossa Maria casada com... o António, ou com qualquer outro rapaz de tão boa família como a dele? Mas como poderiam viver essas duas crianças sem futuro, nunca lhes tendo faltado nada durante a sua vida de solteiros?!

MARQUÊS (*parando novamente*) — Olha: e se tu não pensasses mais em fazer casamentos? Há três dias nesta casa não sobrava dinheiro, mas havia sossego. Porém, desde que chegou a carta da tal senhora D. Catarina, de Viseu, anunciando a sua próxima vinda, o teu espírito entrou numa fase de actividade... casamenteira.

MARQUESA — Eu penso na felicidade de Maria.

MARQUÊS — Mas quem te afirma que o filho dessa senhora há-de gostar da nossa filha?!

MARQUESA — Se a tua dúvida é apenas essa, deixa-a ficar a meu cuidado.

MARQUÊS (*com energia*) — Não! Não quero cenas ridículas em minha casa. Não quero que essa... Catarina que vem aqui hospedar-se com seus filhos, desconfie um momento que a tua amabilidade ou a minha não passam de um embuste interesseiro, de um jogo encoberto, de uma trama premeditada por nós para explorarmos a ingenuidade ou a boa fé de um rapaz novo.

MARQUESA — Que ideia a tua!

MARQUÊS — Não! De maneira nenhuma. A nossa dignidade impõe-se até o dever de evitar o mais pequeno entendimento entre eles.

MARQUESA — E se gostarem um do outro, Luís?

MARQUÊS — Se gostarem um do outro?! Serei eu o primeiro a revelar claramente o meu desagrado. Fiquemos nisto; nada de palavras inúteis.

(Entra Beatriz pela esquerda; tem 15 anos; é uma personagem muito desenvolta, mas de atitude simples e natural.

Na sua linguagem é vulgar o uso de alguns termos de gíria; contudo, ela pronuncia-os sem dar, de forma alguma, qualquer inflexão especial à voz, parecendo mesmo não os distinguir das expressões correntes. Fala com rapidez e desembaraço.)

CENA II

MARQUÊZ, MARQUESA E BEATRIZ

BEATRIZ (*entrando e falando numa toada como se pretendesse continuar a última frase do Marquês*) — ... E são as horas do comboio. Nove e trinta e cinco; têm só um quarto de hora. A carruagem já lá está há que tempos!...

MARQUESA — Valha-me Deus! Somos capazes de não chegar a tempo. (*Caminha para o fundo e volta-se de novo, dirigindo-se ao Marquês.*) Então tu não vens?

MARQUÊS — Não, desculpa-me; eu fico.

MARQUESA (*dá alguns passos para o fundo; volta-se outra vez*) — Sabes que... tudo isso... me é desagradável, Luís!

MARQUÊS — Sei. Mas não insistas; eu fico.

BEATRIZ (*aproximando-se do Marquês. Voz baixa*) — Muito bem, papazinho! Livre lá dois tentos.

MARQUÊS (*aproximando-se de Beatriz*) — E tu, Beatriz? Tencionas ficar assim, com esse vestido? Olha como esta blusa está abotoada! Tua irmã?

BEATRIZ — Minha irmã... está a pôr um penacho encarnado na cabeça, assim, deste lado. (*Gesto.*) Ela precisa dar imenso nas vistas, ainda esta noite.

MARQUESA — Porquê?!

BEATRIZ — Porque... (*outro tom*) era uma vez um príncipe encantado que viajava num compartimento de 1.^a classe; e o compartimento vinha todo cheio com muitas malas, muitos embrulhos, muitos pacotes e mais as três chapeleiras da sua mamã...

MARQUESA (*interrompendo*) — E eu ainda a fazer caso do que tu dizes! (*Para o Marquês.*) Até logo. (*Sai pelo fundo.*)

BEATRIZ (*num ar muito desconsolado, indicando a saída da Marquesa*) — Não quis ouvir o resto...

MARQUÊS (*com uma certa severidade*) — Estiveste a escutar, Beatriz?

BEATRIZ — Não estive a «escutar Beatriz»; estive a ouvir os papás. Mas, descanse! Isto fica entre nós ambos... (*aponta para a porta por onde a Marquesa saiu*) e três! (*Aproxima-se do pai; voz meiga mas um tanto irónica.*) Também quer que eu embandeire em arco, por cima?... Cá por baixo trago as palhetas um bocado arrebetadas... olhe! (*Mostra as botas; uma pequena pausa. Outro tom.*) E a respeito das massas, como vai isso agora? O paizinho tem de se *explicar* com estes três hóspedes. Um rombo a meia-nau. Ó coiso, tu vais ao fundo!

MARQUÊS — Ah! Minha filha, não rias! Nós estamos quase pobres. O que nos resta é muito pouco em comparação com que já tivemos. Minha pobre filha, vais ter um magro dote quando receberes a tua parte.

BEATRIZ (*muito séria*) — Ó meu pai!? (*Aproxima-se.*) Ó meu pai?!... Que julga o meu paizinho de mim? Eu preciso lá de dinheiro! Quando eu era pequena quem é que ensaboava a roupa toda das minhas bonecas? E quando vamos para a quinta quem é que dá de comer aos perus?

Quem é que gosta todas as tardes de levar a burra a beber água? Essa, agora, é *de primeira*. Pensa o meu pai que eu me ralo?!... Ora! Vou viver para a Quinta da Cruz, por exemplo; quer saber? Olhe: (*senta-se*) levanto-me todos os dias de manhã cedo (*articula separadamente todas as sílabas*), «ao despontar da aurora» (*Alto. Para consigo.*) Ai, filha, que bem que falas! (*Alto.*) Vou direitinha à ribeira, lá em baixo. Pesco uma tainha... Zás! Volto pela horta, arranco uma alface... e pronto: peixe frito e salada para um!

(O Marquês ouve-a num sorriso triste.)

Entra Maria pela esquerda. Maria tem 22 anos; o seu temperamento é aparentemente calmo; o seu porte é distinto e sem afectação. Traz um bastidor para bordar e senta-se numa poltrona junto da mesa da esquerda.)

CENA III

MARQUÊS, BEATRIZ E MARIA

MARIA (*entrando*) — O papá não quis ir esperar a D. Catarina? Está incomodado?

MARQUÊS — Não, minha filha, estou bem; mas prefiro esperar essa gente cá em casa.

BEATRIZ — Conte-me lá isso por miúdos, papá; essa senhora é muito amiga da mamã... e que mais?

MARQUÊS — Esta senhora conhece tua mãe porque estiveram juntas no convento do Bom Sucesso; no convento onde eu vi tua mãe pela primeira vez. Creio que eram amicíssimas e nunca deixaram de se escrever; mas a D. Catarina casou com um lavrador de Viseu, onde tem passado a sua vida, mesmo depois de viúva.

BEATRIZ — Ah! Morreu-lhe o marido. Pouca sorte!

MARQUÊS — Morreu-lhe o marido há uns três anos.

BEATRIZ — E quantos filhos tem essa senhora?

MARQUÊS — Tem dois; um rapaz e uma rapariga.

BEATRIZ — Já crescidos, assim como eu?

MARQUÊS (*sorrindo*) — Mais velhos do que tu. A rapariga acabou a sua educação este ano; e o rapaz já concluiu um curso em Coimbra.

BEATRIZ — E toda essa gente vem viver connosco, de casa, cama e pucarinha?...

MARQUÊS — A... D. Catarina escreveu a tua mãe dando-lhe parte que tinha resolvido mudar-se para Lisboa; e já realizou a compra definitiva de um palacete em Benfica, uma casa que tua mãe lhe encomendou dando-lhe informações e mandando-lhe algumas fotografias. Não fez tolice nenhuma; é uma construção magnífica que se vendeu por um preço inferior ao da avaliação.

MARIA (*sem interromper o seu trabalho*) — Mas quanto tempo calcula o papá que eles se demorarão em nossa casa?

MARQUÊS — Calculo menos de 8 dias. (*Num tom de contrariedade.*) Isto foi uma ideia de tua mãe; porque a D. Catarina tinha tenção de passar uns 5 ou 6 dias num hotel de Lisboa enquanto não arranjasse a mobília indispensável para definitivamente ir habitar o seu novo «menage».

BEATRIZ — Mas essa gente, pelos vistos, tem para sustentar galinhas...

MARQUÊS — Galinhas?...

BEATRIZ — Sim. Não lhes falta «milho».

MARIA (*distraidamente, sem levantar a cabeça*) — É gente fina, meu pai?

MARQUÊS — Não. São de uma origem completamente desconhecida.

BEATRIZ — Quê?! Não é gente fina e nós temos que aturar-lhe as malcriações?...

MARQUÊS — Não é gente fina, mas também, julgo que não é gente mal educada.

BEATRIZ — Mas... isso, de *fino e bem educado*, não vem a dar na mesma?

MARQUÊS — Não, minha filha, é muito diferente. Ser delicado é uma coisa que deve estar ao alcance de todos. Delicados são, por exemplo, os caixeiros das lojas, quando se desfazem em atenções diante dos fregueses; são delicados os condutores dos carros eléctricos, se dispõem de paciência, de paciência e boas maneiras para aturar os passageiros. E delicados são, enfim, todos aqueles que, estando abaixo de nós, assim o compreendem, nunca faltando à consideração que nos é devida. Agora, ser fino... ser fino é outra coisa.

BEATRIZ — Ai, papazinho, detesto gente malcriada.



Esta edição
de *Teatro Completo* de Vitoriano Braga
foi composta e impressa nas oficinas gráficas
da *Imprensa Nacional-Casa da Moeda*
com uma tiragem de 800 exemplares

Acabou de imprimir-se
em Fevereiro de mil novecentos e noventa e nove

CÓD. 205 160 000

ED. 130 000 966

ISBN 972-27-0916-X

DEP. LEGAL N.º 127 451/98